

# economia

## Formação de mão de obra é desafio para a indústria gaúcha

### / ENTREVISTA

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

Há pouco mais de um mês à frente de Sesi-RS, Senai-RS e IEL-RS, do Sistema Fiegs, Claudio Gastal tem como prioridade acelerar a integração entre as instituições e ampliar o alcance das ações junto à indústria gaúcha. O gestor assumiu o cargo em 9 de março com a missão de enfrentar um dos principais gargalos do setor no Rio Grande do Sul: a escassez de mão de obra qualificada.

Nesta entrevista, Gastal afirma que a resposta passa por uma atuação mais coordenada entre educação, inovação e saúde, pilares que, segundo ele, impactam diretamente a produtividade, e com foco em capacitação. O dirigente também destaca o desafio de aproximar as soluções já existentes das pequenas e médias empresas e de consolidar uma cultura integrada dentro das próprias instituições, com metas e estratégias compartilhadas.

**Jornal do Comércio - O senhor ingressou no Sistema Fiegs vindo do Badesul. O que muda na prática na condução do Sesi-RS, Senai-RS e IEL-RS a partir desta troca de perfil? Há aprendizados que se traz?**

**Claudio Gastal** - De modo geral, venho de uma trajetória que passa pelo setor privado, no Movimento Brasil Competitivo, pela gestão pública, no governo do Estado, e, agora, pelo terceiro setor, que é a natureza do Sistema Fiegs. Aqui, temos uma estrutura que atua para o desenvolvimento da indústria, mas que é regulada como se estivesse no setor público, com órgãos de controle, processos formais e regras bem definidas. Isso exige um equilíbrio: manter o foco na competitividade e na agilidade que o setor produtivo demanda, mas respeitando os

ritos e controles. Essa experiência anterior ajuda justamente a entender esses dois mundos e a conduzir o sistema com essa visão integrada.

**JC - Quais os principais desafios que você já percebeu neste primeiro mês?**

**Gastal** - O desafio central está na questão da mão de obra, que passa diretamente pela educação. Quando falamos em formação, não estamos tratando apenas da qualificação técnica, mas de um cidadão preparado de forma mais ampla, desde a educação básica até a formação tecnológica, passando pela saúde. O sistema tem um papel muito relevante nisso, porque atua nessas diferentes frentes. Ao mesmo tempo, há um desafio importante de comunicação: muitas vezes, o que já é feito não chega com clareza à indústria e à sociedade.

**JC - Sobre a integração entre essas três instituições: o que já avançou e o que ainda precisa melhorar?**

**Gastal** - Já houve avanços relevantes logo no início da gestão do Claudio Bier à frente da Fiegs, especialmente com a construção de um planejamento estratégico único e uma reestruturação organizacional que aproxima as três casas. Hoje, há metas compartilhadas, indicadores comuns e uma lógica integrada de atuação, envolvendo desde matrículas até projetos com empresas. O que ainda precisa avançar é a consolidação dessa integração na prática cotidiana, na cultura das instituições. Estamos falando de estruturas com trajetórias próprias, então esse processo é gradual.

**JC - Como o Senai vem se adaptando diante de temas como Inteligência Artificial (IA), Indústria 4.0 e transição energética?**

**Gastal** - O Senai já possui uma rede bastante ampla e estruturada, com centros de formação, institutos de tecnologia e de inovação. Nessas estruturas,



Gastal assumiu o trio Sesi-RS, Senai-RS e IEL-RS, pertencentes ao Sistema Fiegs, no dia 9 de março

há atuação direta com temas como Inteligência Artificial, automação e novas tecnologias industriais. Um exemplo é o desenvolvimento de projetos com deep techs, que trabalham inovação em nível mais avançado. Além disso, há iniciativas em andamento, como o Cedra, voltado ao agro, que deve integrar tecnologias como internet das coisas e inteligência Artificial. A adaptação passa por acompanhar a velocidade dessas mudanças e garantir que a indústria tenha acesso a essas soluções.

**JC - A IA já está presente na formação dos alunos desde o início?**

**Gastal** - Sim, essa inserção começa ainda na base, especialmente nas escolas do Sesi, onde a robótica já é parte do currículo e há participação em competições. No Senai, isso se aprofunda na formação técnica, com alunos que já se destacam em

competições internacionais envolvendo robótica, sensores e Inteligência Artificial. Ou seja, existe uma trilha que começa cedo e evolui conforme o nível de formação.

**JC - Ao mesmo tempo em que as IAs estão cada vez mais acessíveis, na indústria elas parecem mais restritas às grandes corporações. Como levar inovação para pequenas e médias empresas?**

**Gastal** - Esse é um desafio importante e envolve diferentes fatores. Por um lado, é necessário ampliar a comunicação sobre as soluções que o sistema já oferece. Por outro, também é preciso mobilizar as próprias empresas para que busquem essas ferramentas. Hoje, o Senai, por exemplo, conta com unidades móveis que levam capacitação diretamente às indústrias, inclusive com conteúdos ligados à inovação e à tecnologia. Mas esse processo depende tanto da oferta quanto da demanda. É preciso aproximar ainda mais essas pontas.

**JC - O Sesi-RS atua, historicamente, em saúde e qualidade de vida. Esse eixo ganha mais protagonismo diante do aumento de afastamentos e problemas de saúde mental?**

**Gastal** - Sem dúvida. A saúde tem um impacto direto na produtividade, e isso está cada vez mais evidente. O Sesi já atua com programas voltados à saúde do trabalhador, e há um movimento crescente de fortalecimento dessa agenda, especialmente na área de saúde mental. A lógica precisa ser preventiva. Não adianta



É necessário ampliar a comunicação sobre as soluções que a Inteligência Artificial já oferece

agir apenas quando o problema já está instalado. É necessário acompanhar o trabalhador e atuar antes que situações como estresse e burnout resultem em afastamentos.

**JC - Qual o principal indicador de sucesso para sua gestão? Qual legado pretende deixar?**

**Gastal** - O principal objetivo é avançar no processo de integração entre Sesi, Senai e IEL. Estamos falando de estruturas grandes, com milhares de colaboradores e presença em todo o Estado. Se conseguirmos consolidar uma atuação realmente integrada, em que a indústria enxergue o sistema como uma porta única de soluções – seja em educação, tecnologia, inovação ou saúde – já será um resultado importante. É um processo que exige tempo, mas deixar essa base estruturada para as próximas gestões já representa um legado relevante.



Atualmente, o Sistema Fiegs tem metas compartilhadas, indicadores comuns e uma lógica integrada de atuação